

## **Parte 1 – Facebook potenciais sociotécnicos e educacionais, espaço de subjetivação, sociabilidade e diferença**

Redes sociais e educação: reflexões acerca do Facebook enquanto espaço de aprendizagem

José António Moreira  
Susana Januário

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MOREIRA, JA., and JANUÁRIO, S. Redes sociais e educação: reflexões acerca do Facebook enquanto espaço de aprendizagem. In: PORTO, C., and SANTOS, E., orgs. *Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, pp. 67-84. ISBN 978-85-7879-283-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# **Redes sociais e educação**

reflexões acerca do Facebook  
enquanto espaço de aprendizagem

*José António Moreira*  
*Susana Januário*

## **Introdução**

O mundo globalizado em que vivemos atualmente originou uma “nova” sociedade com múltiplas denominações na literatura, como seja a de “sociedade de informação”, a de “sociedade de aprendizagem”, a de “sociedade do conhecimento” ou a de “sociedade em rede” em que o denominador comum é o reconhecimento do papel das tecnologias da informação e da comunicação na reconfiguração dos processos educativos (MONTEIRO & MOREIRA, 2012).

Os avanços destas tecnologias de informação e da comunicação, e em particular da Internet, têm estimulado de forma decisiva a aprendizagem, para além das estruturas educativas formais. Com a *Web 2.0* e o *e-learning 2.0*, a ênfase tem sido colocada na aprendizagem em rede e nas potencialidades do designado software social para acesso à informação e ao conhecimento, bem como na capacidade para trabalhar e aprender com os outros numa colaboração

global criativa fora das estruturas educacionais, exigindo uma nova ecologia da aprendizagem (DOWNES, 2005). Ecologia esta marcada, por um lado, pelo desejo de ligar os mundos da aprendizagem formal e informal, e por outro lado, pelo domínio crescente de formas de software social e os novos paradigmas da rede.

Neste contexto de *networking* social com novas estruturas e novos ambientes as possibilidades de aprendizagem têm-se incrementado e diversificado exponencialmente, surgindo novos e estimulantes desafios para os sistemas educativos e para os seus profissionais.

Atualmente, os profissionais da educação discutem muito a utilização das tecnologias da Web 2.0 e os serviços de software social (blogs, wikis, mundos virtuais, social bookmarking,...) em contexto educativo, no entanto a utilização das redes sociais nestes contextos ainda encontra bastantes resistências, talvez por ser uma tecnologia recente e ainda incompreendida como ambiente de aprendizagem. Não obstante, não podemos escamotear o facto das redes sociais serem o *habitat* das gerações que, atualmente, recebemos nas nossas escolas. E por isso, incorporar as redes sociais na escola parece-nos um passo inevitável para mantermos a proximidade com os nossos estudantes.

Recentemente têm surgido muitos trabalhos que procuram identificar e explorar o potencial educativo de redes sociais, como o *MySpace*, *Orkut*, *Ning*, e sobretudo o Facebook, que referem, por exemplo, que esta rede pode potenciar a comunicação e a partilha de informação e conhecimento, e pode permitir o desenvolvimento de capacidades e estratégias de ensino/aprendizagem mais dinâmicas e interativas, abertas e criativas, possibilitando uma maior participação dos intervenientes, um melhor aproveitamento dos recursos e mais mobilidade de informação e conhecimento.

Assim, e perante esta realidade, parece-nos que faz cada vez menos sentido manter modelos de organização curricular “pré-digitais” centrados numa organização rigidamente hierárquica de conteúdos estáticos sob o controlo do professor. Pelo contrário as questões que agora se colocam terão de se relacionar com a melhor

forma de desenvolver currículos inspirados na Web 2.0, que possam ser negociados em vez de prescritos, e que proporcionem o desenvolvimento de competências para acederem ao conhecimento (SELWIN, 2011).

Propomo-nos, pois, neste texto, refletir sobre a aplicabilidade pedagógica de uma rede social como o Facebook, procurando analisar possibilidades e potencialidades da mesma em diferentes contextos de aprendizagem.

## **A sociedade em rede e os novos desafios da educação**

A tarefa de concetualização sobre o tempo e espaço que vivenciamos não deixa de afigurar-se como uma tarefa árdua, não só porque estamos perante a existência de inúmeras e diversificadas perspetivas, como também devido ao facto de muito já se ter pensado, escrito e partilhado sobre a nossa contemporaneidade.

Por seu turno, quando intentamos arriscar uma designação ou atributo nominativo ao modelo social atual, o desafio torna-se não só difícil como, eventualmente, arriscado, uma vez estarmos perante inúmeras propostas, cujas bases conceituais e estruturantes não serão, porventura, tão díspares entre si, tendo em conta a realidade que têm em comum.

Ainda, e invocando uma vez mais o nosso argumento inicial, não podemos ignorar o facto de que a base para adiantar uma designação sobre modelos e processos sociais implica o estudo histórico e sociológico dos mesmos e nem sempre as designações acautelam esta necessidade, mormente as que se criam por (uma espécie de) decreto.

Não obstante, será nossa intenção apresentar algumas características da sociedade atual, sobre o nosso tempo e os processos que aí imbricam, entroncadas, sobretudo na análise de Manuel Castells, a qual não só procura dar conta das mudanças sociais ocorridas no final do século XX e as que marcaram a transição para este século,

como também pretende analisar os desafios e processos que as referidas mudanças implicarão.

Uma das explicações subjacente àquelas transformações prende-se com o que o autor designa de “revolução tecnológica, centrada nas tecnologias da informação” (CASTELLS, 2007, p. 1). A esta se junta um conjunto de processos mais ou menos precedentes e mais ou menos concomitantes, tais como a globalização da economia, a tendencial homogeneização cultural e política – estas explicadas pelo colapso do regime soviético e a hegemonia do sistema capitalista, ainda que reestruturado –, um novo sistema de comunicação, desta feita global e digital, etc.

Antes de prosseguirmos e de esmiuçarmos um pouco mais as questões e características inerentes aos processos sociais anunciados, não podemos deixar, porém, de notar algo que nos parece de relevante importância: o facto de não podermos, e na senda do autor em destaque, Castells, de atribuir à tal revolução tecnológica, caracterizada por novos processos comunicacionais, assentes sobretudo nas novas tecnologias de informação e comunicação, razão suficiente para o desenho de um novo modelo social e/ou de um novo paradigma social; antes, devemos ter em conta que a este processo tecnológico, por um lado, subjazem razões sociais que o justificam e o possibilitam e que, por outro lado, existem, em simultâneo, outros tantos processos que, estes sim e em conjunto com o primeiro, poderão explicar o novo modelo ou paradigma social e, inclusive, epistemológico.

Não obstante,

embora por si mesma não determine a evolução histórica e a mudança social, a tecnologia (ou a sua ausência) molda a capacidade de transformação das sociedades, assim como os usos que aquelas, através de um processo conflitual, resolvem dar ao seu potencial tecnológico. (CASTELLS, 2007, p. 8).

Por seu turno, não podemos dissociar a revolução tecnológica em questão do “processo reestruturação do sistema capitalista” (CASTELLS, 2007, p. 15), este sim crucial para percebermos o novo modelo social.

Ainda, e, sobretudo, tendo em conta o assunto que pretendemos desenvolver, que se prende principalmente com as possibilidades educacionais e educativas que são desenhadas neste novo modelo/paradigma, não pode deixar-se de colocar no epicentro analítico a mudança tecnológica (revolução, se quisermos) assinalada.

Castells designa por “informacionalismo” o atual modelo desenvolvimento, assente no princípio de que o sistema produtivo das sociedades informacionais está organizado de modo a que a produtividade seja maximizada através do conhecimento e da proliferação das tecnologias de informação. Por conseguinte, “o *informacionalismo* visa [...] a acumulação de conhecimentos e maiores níveis de complexidade do processamento da informação” (CASTELLS, 2007, p. 21).

Esta “nova sociedade” informacional é uma “sociedade em rede”, tendo em conta que “as funções e os [atuais] processos dominantes

[...] organizam-se, cada vez mais, em torno de redes e isto representa o auge de uma tendência histórica. As redes constituem a nova morfologia das sociedades e a difusão da sua lógica modifica substancialmente as operações e os resultados dos processos de produção, experiência, poder e cultura. [...] o novo paradigma das tecnologias da informação fornece as bases materiais para a expansão da sua [das redes] penetrabilidade em toda a estrutura social. (CASTELLS, 2007, p. 605).

Na verdade, considerar a estrutura social atual implica o reconhecimento das redes e processos sociais complexos, dada a sua natureza dinâmica, aberta, complexa e constante reestruturação e inovação. Esta configuração social, dependente, como vimos, das tecnologias de informação e comunicação e, sobretudo, de um modo diferenciado de comunicar, não só potencia a irreversível globalização econômica, como também, pela forma rápida em que as designadas redes se constituem, reformulam e cessam, consolidam processos localizados que configuram novas pertenças, reforçando identidades. Ou seja, cada indivíduo vai operando sociabilidades diferenciadas ao conectar-se/desconectar-se de diversas redes (grupos) sociais, reformulando, deste modo, as suas vivências em várias esferas da vida.

Este mundo imbricado a larga escala, dado que o tempo e o espaço se comprimem (CASTELLS, 2007), pela força da mediação tecnológica e pela forma como comunicamos hoje, exige novas habilidades e competências ao nível pessoal e ao nível da esfera do trabalho.

Uma economia global e estruturada na inovação exige, em primeira instância, novas competências por parte dos trabalhadores e, inevitavelmente, uma reconversão do sistema educativo (tomado aqui em geral).

Assim, partindo-se de pressuposto de que o novo trabalhador terá de ser flexível, adaptável às mudanças de forma permanente (ao longo da vida) e autónomo mas envolvido, “requer[–se] uma reconversão total do sistema educativo, em todos os seus níveis e domínios. Isto refere-se, certamente, a novas formas de tecnologia e pedagogia, mas também aos conteúdos e organização do processo de aprendizagem.

[...] A política educacional é central em todos os aspectos. Mas não é qualquer tipo de educação ou qualquer tipo de política: educação baseada no modo de aprender a aprender, ao

longo da vida, e preparada para estimular a criatividade e a inovação de forma – e com o objectivo de – aplicar esta capacidade de aprendizagem a todos os domínios da vida social e profissional. (CASTELLS, 2005, p. 27).

De facto, o sistema educativo e o subsistema social da aprendizagem não pode ser entendido como alheio aos (novos) processos produtivos dos (novos) processos sociais. Inevitavelmente, a nova cultura em rede estende-se ao sistema de ensino, e, em paralelo ao que foi dito quanto à estrutura (aprendizagem responsável, ao longo da vida para garantir a adaptabilidade e flexibilidade exigidas), a extensão das redes como processo e meio educativos equivalerá a integrar no quotidiano dos indivíduos os próprios processos de aprendizagem. Por seu turno, esta extensão e comunhão das sociabilidades no espaço e tempo parecem configurar um carácter inevitável.

## **Redes sociais: o Facebook em contexto educativo**

As redes sociais não são um fenómeno recente, nem tão pouco surgiu com a *web*, sempre existiram na sociedade, motivadas pela necessidade que os indivíduos têm de partilhar entre si conhecimentos, informações ou preferências. Porém, como afirma Recuero (2009) as mais recentes descobertas tecnológicas, que propiciaram o surgimento do ciberespaço, permitiram a sua emergência como uma forma dominante de organização social.

A este respeito, e recuperando o pensamento de Castells (1999, p. 565), as redes constituem:

uma nova morfologia social das nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Embora a forma



de organização em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para a sua expansão penetrante em toda a estrutura social.

Por seu turno, Franco (2012, p. 117) define redes sociais como “um processo de socialização, algum tipo de interação coletiva e social, presencial ou virtual, que pressupõe a partilha de informações, conhecimentos, desejos e interesses”.

Assim, e sendo as redes sociais espaços coletivos e colaborativos de comunicação e de troca de informação, podem facilitar a criação e desenvolvimento de comunidades de prática ou de aprendizagem desde que exista uma intencionalidade educativa explícita. Estas comunidades virtuais têm-se afirmado como uma importante alternativa à aprendizagem e aos contextos organizacionais tradicionais e, ao serem suportadas pelas tecnologias, tornaram-se mais visíveis na atualidade. Representam ambientes intelectuais, culturais, sociais e psicológicos que facilitam e sustentam a aprendizagem, enquanto promovem a interação, a colaboração e o desenvolvimento de um sentimento de pertença dos seus membros.

Neste contexto, se aceitarmos que os ambientes virtuais são ferramentas inovadoras para a criação de comunidades de aprendizagem, é crucial reconhecer a necessidade de uma nova perspetiva na criação de contextos de aprendizagem. Assim, perceber como se pode ensinar e aprender, formal ou informalmente, em espaços abertos e de aprendizagem colaborativa, em redes sociais na internet (RSI), como o Facebook, é um dos grandes desafios que se colocam a todos os educadores.

Como sabemos, atualmente, as redes sociais são parte integrante da vida dos nossos estudantes e entre estas se destaca o Facebook que é uma das redes sociais mais utilizadas em todo o mundo como espaço de partilha, de interação e de discussão de ideias.

O Facebook agrega uma significativa quantidade de recursos, funcionalidades e aplicativos que permitem ações interativas na web, tendo-se tornado, hoje em dia, um espaço inovador no qual se criam e desenvolvem interações, sociabilidades e aprendizagens, estas colaborativas em rede, por meio do diálogo e da construção coletiva de saberes (EDUCAUSE, 2007).

O Facebook foi criado em 2004 por Mark Zuckerberg, como rede privada universitária, sendo que no início só podiam criar perfis os alunos das universidades admitidas na rede. Em 2006, com a abertura da rede social a todos os internautas, o Facebook experimentou um período de expansão e, depois de algum tempo de maturação, o seu poder atrativo e catalisador veio a contribuir para que cada vez mais jovens adiram a esta rede social.

Tirando partido desta crescente popularidade junto dos jovens, os professores têm procurado explorar as potencialidades educativas desta rede. No entanto, tem-se revelado um desafio complexo, porque é necessário que os professores dominem os recursos e aplicativos e os utilizem de forma adequada, sem fazer da rede social apenas um repositório de informação digital estático. Não tendo sido criada com objetivos educativos o desafio é, pois, aproveitar esta tecnologia da Web 2.0 para construir novos ambientes de aprendizagem estimulantes. Para isso os professores precisam otimizar a rede, promovendo uma forma de aprender com objetivos bem delineados, metodologias e avaliações bem claras e coerentes com os princípios de uma aprendizagem que se deseja colaborativa e construtivista.

É inegável que o Facebook, na atualidade, se apresenta como um recurso de desenvolvimento profissional docente importante e como um cenário privilegiado para aprender a conviver virtualmente num processo interativo e comunicacional no ciberespaço. Com efeito, com um perfil e com os recursos básicos disponíveis, é possível construir um espaço de aprendizagem estimulante.

O mural do Facebook foi sendo aperfeiçoado, influenciado pelos *microblogs* e, hoje, pode servir como espaço de comunicação

e discussão onde se podem alocar uma plêiade de textos, vídeos, imagens ou comentários. Para além do mural dispomos ainda de outros recursos que podem ter aplicabilidade pedagógica como: os *Grupos* que são espaços online criados com um objetivo/interesse particular, e que podem ser úteis para estudantes e professores trabalharem de forma colaborativa; os *Links* que possibilitam a criação de ligações a páginas exteriores ao Facebook; os *Eventos* que podem ser utilizados para lembrar prazos, encontros, seminários; as *Mensagens* que possibilitam o registo e envio de mensagens (sincronas e assíncronas) aos utilizadores e que servem como um importante canal de comunicação; as *Páginas* que permitem interações entre os seus membros, possibilitando a partilha de *links*; as *Notas* que possibilitam a colocação de pequenas anotações; e os *Comentários* que permitem ao utilizador dar a sua opinião sobre uma partilha, disponibilização de recursos, ou mesmo de uma opinião ou questão.

Para além destes recursos, esta rede permite, ainda, aos professores, a programação e a criação de aplicativos que ao serem integrados passam a fazer parte da rede social, de forma aberta e acessível, refletindo o espírito da *Web 2.0*. Entre eles destacamos:

- *Book Tag*: permite criar listas de livros para a leitura num determinado grupo, permitindo ainda criar questionários e reflexões sob a forma de comentários sobre os livros.
- *Books iRead*: permite partilhar livros (que ainda estamos a ler, livros lidos ou que gostaríamos de ler), adicionar tags e comentários de amigos.
- *Poll*: permite a realização de sondagens diversas.
- *Quizze Creator*: permite criar quizzes que poderão funcionar para inquéritos ou testes.
- *Flickr*: permite copiar fotos do Flickr para o Facebook.
- *FotoFlexer*: editor de imagens para o Facebook, através da importação de imagens do Picasa, Flickr e outros.

- *My Delicious*: permite armazenar, organizar, catalogar e partilhar os endereços Web favoritos.
- *Slideshare e SlideQ*: permite a ligação à conta do utilizador no Slideshare – ficheiros PowerPoint e pdf.
- *Picnik*: permite a disponibilização e edição de imagens online.
- *RSS Feeds*: permite concentrar num único espaço as atualizações e notícias de espaços online (blogues e portais).
- *Google Docs*: permite o acesso ao Google Docs através do Facebook.
- *Favorite Pages*: permite adicionar páginas favoritas do Facebook ao perfil.
- *Formspring.me*: permite enviar e receber perguntas anónimas.
- *Files*: permite armazenar e recuperar documentos no Facebook.
- *Calendar*: permite organizar a atividade diária, colocar avisos e partilhar com os amigos.
- *Study Groups*: permite, quando da realização de trabalhos de grupo, colocar em contacto todos os membros do grupo.
- *Flashcards*: permite criar cartões em flash para estudar no Facebook.
- *Tô-Do List*: permite criar listas de tarefas no Facebook, podendo estas ser partilhadas com outros.
- *Hoot-me*: aplicação gratuita para estudantes para obtenção de ajuda que permite perceber quem está a trabalhar e dessa forma partilhar ideias/opiniões.
- *Udutu Teach*– permite distribuir objetos de aprendizagem criados com a ferramenta *Udutu*.
- *Podclass*- permite partilhar informações dos mais diversos tipos, sendo semelhante ao ambiente de aprendizagem Moodle.

O Facebook como recurso ou como ambiente virtual de aprendizagem possibilita que o professor reinterprete a forma de ensinar e de aprender num contexto mais interativo e participativo. É interessante notar que alguns estudos que compararam o uso do Facebook com sistemas de gestão de aprendizagem, como o Moodle, o Blackboard ou o WebCT têm revelado que os estudantes preferem comunicar pelo Facebook (CHU & MEULEMANS, 2008; SCHROEDER & GREENBOWE, 2009).

Recentemente têm surgido ainda mais estudos, em diferentes países, que têm procurado aprofundar a questão da validade da utilização do Facebook nos processos de ensino-aprendizagem. É exemplo disso o projeto *Educare* desenvolvido pela Universidade de Buenos Aires (UBA), em parceria com a Fundação Telefônica da Argentina, que teve como objetivo estudar as potencialidades pedagógicas desta rede social. Desta experiência resultou o livro *El Proyecto Facebook y la posuniversidad: sistemas ooperativos sociales y entornos abiertos de aprendizagem* que apresenta relatos de experiências da utilização do Facebook promotoras de uma aprendizagem colaborativa.

Também em Portugal, Patrício e Gonçalves (2010) procuraram analisar o potencial educativo do Facebook e concluíram que a rede fomenta uma participação mais ativa dos estudantes na sua própria aprendizagem, na partilha de informação e na geração de conhecimento.

As investigações de Menon (2012), Pellizzari (2012) e Alias e outros autores (2013) sublinham estes resultados com graus de envolvimento e participação muito elevados.

Por sua vez, Llorens e Capdeferr (2011) concluem que o Facebook tem um enorme potencial do ponto de vista da aprendizagem colaborativa, porque: favorece a cultura de comunidade que se fundamenta em valores à volta de um objetivo comum e que gera sentimentos de pertença e de aprendizagem social; permite abordagens inovadores de aprendizagem, possibilitando, por um lado, a construção do conhecimento e o desenvolvimento de

competências, e por outro, a aprendizagem ao longo da vida e atualização profissional mediante a colaboração entre pares; e permite a apresentação de conteúdos com recursos integrantes da rede social, como vídeos, produtos multimídia, blogues.

Perante estes resultados, ficamos com poucas dúvidas relativamente às potencialidades educativas das redes sociais. Com efeito, estas redes que se desenvolvem no ciberespaço constituem um meio privilegiado para pensar, criar, comunicar e intervir sobre numerosas situações fomentando não só a aprendizagem formal, mas também a aprendizagem informal e não formal. A existência destes espaços não estruturados, afirma-se, pois, como uma oportunidade para a integração das diferentes aprendizagens, concebendo desta forma a educação como um todo. Esta perspetiva deve de futuro, inspirar e orientar as reformas educativas, tanto em nível da elaboração de programas como na definição de novas políticas pedagógicas (UNESCO, 2003).

Como já afirmamos o Facebook apresenta uma utilidade inegável para a educação formal, embora, sejamos de opinião que a sua maior realização consiste no estabelecimento de vínculos de união com a educação não formal e informal. É essa, também, a opinião de Haro (2010, p. 10) ao afirmar que esta união poderá produzir “uma retroalimentação que favorece o processo educativo”.

Sendo o Facebook, por excelência um espaço de interação e comunicação, o professor pode aproveitar as muitas horas que os seus estudantes passam conectados, para utilizá-lo como um espaço de partilha de conteúdos multimídia, de vídeos, de músicas, de fragmentos de filmes ou de peças de teatro, relacionados com os temas lecionados. Para, além disso, pode, também, aproveitar esse tempo para promover discussões e debates sobre os assuntos tratados.

Contudo, é importante notar que a rede social Facebook não foi criada para ser utilizada como um ambiente virtual de aprendizagem, embora esta e outras redes estejam a ser utilizadas como tal. E sendo assim, um dos desafios que se coloca ao professor é perceber como poderá utilizar pedagogicamente esta plataforma, porque

é necessário, também, estar consciente de que a sua utilização pressupõe alguns riscos, e por isso há que estabelecer previamente regras e códigos de conduta, tal como em qualquer ambiente de aprendizagem, quer seja presencial, quer seja online.

Estamos, pois, perante tecnologias da *Web 2.0* com um imenso potencial pedagógico e perante novos cenários educativos onde predominam espaços de aprendizagem colaborativos e interativos, onde existem autonomia e flexibilidade, assumindo-se o cibernauta como um sujeito ativo que vai construindo o seu próprio conhecimento em ambientes personalizados de aprendizagem.

Resumindo, podemos afirmar, e concordando com Basso e outros autores (2013), que o Facebook, apresenta, por um lado, uma enorme potencialidade nos processos de aprendizagem, e por outro lado, um desafio à educação, na medida em que pode proporcionar um processo dinâmico de ensino-aprendizagem do qual os estudantes se sentem parte integrante. Ao fazerem parte desse processo, revelam-se estudantes com ações mais autônomas e responsáveis pela construção do seu próprio conhecimento.

## **Comentários finais**

Conceber a educação, hoje, remete-nos para os novos e atuais processos sociais, sustentados significativamente numa cultura em rede, implicando-nos na inevitabilidade de integrar o processo de ensino-aprendizagem no quotidiano dos indivíduos e de potenciar as sociabilidades aí existentes.

De fato, nos últimos anos, o uso das redes sociais tem-se intensificado, e na área da educação as experiências proliferam. Como tivemos oportunidade de verificar, o Facebook tem sido alvo de várias experiências exploratórias no campo educativo, em especial no que diz respeito aos processos de ensino-aprendizagem. Os resultados destas investigações indicam-nos, claramente, que o Facebook apresenta um potencial extraordinário permitindo,

atualmente, equacionar o processo pedagógico de forma diferente. O potencial pedagógico torna-se evidente quando o professor utiliza, por exemplo, aplicativos educacionais que promovem experiências de aprendizagem interativa e colaborativa, reforçando assim o sentimento de pertença a uma comunidade virtual de aprendizagem.

Tratando-se do uso das possibilidades da *Web 2.0*, é certo que qualquer conclusão que se tire tem de ser considerada transitória e momentânea, pois as frequentes evoluções destes espaços geram mudanças muito rápidas. No entanto, e apesar deste fluxo constante nos impelir para a relatividade dessas conclusões, os resultados de alguns destes estudos permitem-nos afirmar que o Facebook configura-se como um ambiente com potencial técnico e funcional que favorece as conexões entre os participantes na rede e aprendizagens interativas; que possibilita que os conteúdos sejam organizados em nós da rede para acesso rápido; e que facilita a partilha de materiais, de conhecimento e de experiências de aprendizagem colaborativa e participativa (ALLEGRETI et al, 2012; BASSO et al., 2013; LISBOA & COUTINHO, 2012).

Efetivamente, podemos afirmar que as redes sociais, nomeadamente o Facebook, permitem, atualmente, equacionar o processo pedagógico de forma diferente. No entanto, a mudança não deve ser vista só do ponto de vista tecnológico, mas, sobretudo em termos de mentalidade e de prática. Esta realidade implica uma alteração cultural, pois obriga a repensar os papéis dos professores e dos estudantes, e a relação existente entre eles, para além das implicações a nível da planificação de cursos e currículos, sistemas de avaliação, formas de ensinar e aprender, metas a atingir. Na verdade, o papel do professor está em mudança e aproxima-se, com o apoio digital, ainda mais, dum e-moderador, ou seja, de um orientador de aprendizagens.



## Referências

ALIAS, N., SIRAJ, S., KHAIRUL, A. & HUSSIN, Z. Effectiveness of Facebook based learning to enhance creativity among islamic studies students by employng Isman instructional design model. **The Turkish Online Journal of Educational Technology**, (12), 1, 2013, p.60-67.

ALLEGRETTI, S., HESSEL, A., HARDAGH, C. & SILVA, J. Aprendizagem nas redes sociais virtuais: o potencial da conectividade em dois cenários. **Revista Contemporaneidade, Educação e Tecnologia**, (1) 2, 2012, p.54-60.

BASSO, M., BONA, A., PESCADOR, C., KOELHER, C. & FAGUNDES, L. Redes sociais: espaço de aprendizagem digital cooperativo. **Conjectura: Filosofia e Educação**, (18), 1, 2013, p.135-149.

CASTELLS, M. **Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, M. **La Galaxia Internet**. Barcelona: Areté, 2001.

CASTELLS, M. (2005). A sociedade em rede. Do conhecimento à política (pp. 17-30). In M. Castells; G. Cardoso. **A sociedade em rede**. Do conhecimento à Acção Política. Debates – Presidência da República. Disponível em: <[http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/Sociedade\\_em\\_Rede\\_CC.pdf](http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/Sociedade_em_Rede_CC.pdf)>. Acesso em: 17 fev. 2014.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede. A Era da Informação**: Economia, Sociedade e Cultura. Volume 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

CHU, M. & MEULEMANS, Y. The problems and potencial of Myspace and Facebook usage in academic libraries. **Internet Reference Services Quarterly**, (13), 1, 2008, p.69-76.

DOWNES, S. **Semantic networks and social Networks**. National Research Council Canada. The Learning Organization, (12), 5, 2005, p.411-417.

EDUCAUSE. **7 Things You Should Know About Facebook II** (Online). Disponível em: <<http://net.educause.edu/ir/library/pdf/ELI7025.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

FRANCO, I. Redes sociais e a EAD. In Fredric, M. e Formiga, M. (Orgs.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson, 2012.

HARO, J.J. **Redes Sociales para la Educacion**. Málaga: Anaya, 2010.

LISBOA, E. & COUTINHO, C. Informal learning in social networks: A study of the Orkut social network. **Issues in Educational Research**, (21), 2, 2012, p.162-174.

LLORENS, F. & CAPDEFER, N. Posibilidades de la plataforma Facebook para el aprendizaje colaborativo en línea. **Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento**, (8), 2, 2011, p.31-45.

MATTAR, J. **Web 2.0 e Redes Sociais na Educação**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.

MENON, V. **Using a Facebook group for interactive clinical learning**. *IeJSME*, 6, 1, 2012, p.21-23.

PATRÍCIO & R.; GONÇALVES, V. **Facebook**: rede social educativa? Biblioteca DigitalIPB online. Lisboa: Universidade de Lisboa; Instituto de Educação, 2010.

PELLIZZARI, P. Facebook as an academic learning platform: a case study in Mathematics. **Economics Research Paper**, 1, 2012, p.1-23.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SCHROEDER, J. & GREENBOWE, T. The chemistry of Facebook: using social networking to create an online community for the organic chemistry. **Innovate: Journal of Online Education**, (5), 4, 2009, p.22-31.

SELWIN, N. Em defesa da diferença digital: uma abordagem crítica sobre os desafios curriculares da web 2.0. In DIAS, P. e OSÓRIO, A, (Orgs.) **Aprendizagem (In)Formal na Web Social**. Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho, 2011.